
O IMAGINÁRIO POLAR NA OBRA *THE NARRATIVE OF ARTHUR GORDON PYM OF NANTUCKET* (1838), DE EDGAR ALLAN POE

THE POLAR IMAGINARY IN THE NARRATIVE OF ARTHUR GORDON PYM OF NANTUCKET (1838), BY EDGAR ALLAN POE

Cleber Vinicius do Amaral Felipe¹

Enviado em: 21/04/2020

Aceito em: 27/06/2021

RESUMO: é possível encontrar, no romance de Edgar Allan Poe (1809-1849) intitulado *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* (1838), uma representação fictícia do imaginário polar. Sua obra foi publicada pela editora Harper & Brothers dois anos antes da circum-navegação do continente antártico promovida pela U. S. Exploring Expedition, capitaneada pelo cartógrafo Charles Wilkes. Pretende-se analisar alguns lugares-comuns presentes na narrativa de Poe, especialmente aqueles relacionados à representação do *nec plus ultra* e à enigmática e colossal figura humana que surge ao final do romance, protegendo a extremidade polar e velando seus mistérios.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; *Nec Plus Ultra*; imaginário polar.

ABSTRACT: it is possible to find, in the novel *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* (1838), by Edgar Allan Poe (1809-1849), a fiction representation of the polar imaginary. His work was published by Harper & Brothers two years before the Antarctic circumnavigation of the U. S. Exploring Expedition, led by cartographer Charles Wilkes. It is intended to analyze some commonplaces present in Poe's narrative, especially those related to the representation of the *nec plus ultra* and the enigmatic and colossal human figure that appears at the end of the novel, protecting the polar extremity and watching over its mysteries.

Keywords: Edgar Allan Poe; *Nec Plus Ultra*; polar imaginary.

O gelo estava aqui, o gelo estava ali,
Só gelo no lugar:
E rangia e rosnava, e rugia e ululava,
- Os sons de um desmaiar.
(S. T. Coleridge)

Considerações iniciais

Nec plus ultra e *plus ultra* são expressões latinas que significam, respectivamente, “não mais além” e “mais além”. Luiz Marques (2017) sugeriu que, até o século XVI, haveria no mundo ocidental uma tendência a respeitar certos limites para não incorrer em *hybris*, ação descomedida passível de punição divina. As colunas que Hércules havia erigido simbolizam, ao menos no caso grego, esta limitação, que é de natureza geográfica, filosófica e moral.² A partir da expansão marí-

¹ Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutor pelo Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS-UFU). Contato: cleber.ufu@gmail.com

² A prudência antiga foi representada, por exemplo, em uma epístola de Sêneca: “não corras o mundo nem te inquietes com mudanças de lugar. Tal agitação é própria de um ânimo enfermo. A primeira prova de

tima, no entanto, esta lógica teria sido subvertida, de modo que ultrapassar estes mesmos limites configuraria uma ação virtuosa. O *plus ultra*, convém recordar, é a expressão que encontramos na empresa que Luigi Marliano forjou para o futuro Carlos V no ano de 1516, que também continha a imagem das colunas de Hércules. De acordo com Luiz Marques, tratava-se de uma nova concepção de *virtù*, que consistia no predomínio do ímpeto (forças centrífugas) sobre a autocontenção (forças centrípetas). A combinação entre as colunas e a expressão “mais além” poderia reforçar a iniciativa imperial, legitimada pela ambição de universalizar o cristianismo (MARQUES, 2017, p. 42).

No romance de Edgar Allan Poe intitulado *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* (1838) encontramos a representação de forças centrípetas e centrífugas. Ele figurou o *plus ultra* ao indicar uma empresa marítima por águas nunca dantes navegadas e o *nec plus ultra* ao representar a grande incógnita envolvendo o extremo sul, no qual poucos anos depois seria encontrado um novo continente. Com este artigo, pretendemos analisar alguns expedientes mobilizados por Poe para inventar ficticiamente o Polo Sul e seus arredores. Antes de tratar do romance, convém destacar o que significava, à época, singrar os oceanos rumo às regiões polares.

Galgando os oceanos

Na primeira metade do século XIX, o Oceano Pacífico, nas palavras de Nathaniel Philbrick (2000, p. 11), era “um vasto campo habitado por depósitos de óleo providos de sangue quente e conhecidos pelo nome de cachalotes”. Após a captura, as baleias eram levadas ao litoral para que sua capa de gordura fosse arrancada, retalhada e fervida com o intuito de obter o lucrativo produto que iluminava os centros urbanos e lubrificava as máquinas industriais. Além de caçadores do mar, estes homens eram também exploradores, pois “avançavam cada vez mais longe em uma região inóspita e mal provida de mapas, mais extensa do que todas as massas de terra do mundo somadas” (PHILBRICK, 2000, p. 12). A ilha de Nantucket, à época, era o centro dessa indústria mundial do óleo. Foi nesse contexto, inclusive, que ocorreu o naufrágio do baleeiro *Essex*, provocado por um cachalote enfurecido. Em 1821, ano do incidente, o primeiro imediato do navio, Owen Chase, relatou a experiência em *Narrative of the Wreck of the Whaleship*. Herman Melville, por sinal, inspirou-se neste documento quando escreveu *Moby Dick* (1851).

A princípio, os ilhéus de Nantucket não precisavam se deslocar muito com seus baleeiros, uma vez que as baleias eram abundantes na região. No entanto, por volta de 1760, a população local destes mamíferos tinha sido praticamente dizimada, o que exigiu novos esforços no sentido de buscá-los em locais mais distantes. O trabalho foi facilitado com a instalação de fornos de tijolo nos navios, que permitiam a produção de óleo em alto-mar (PHILBRICK, 2000, p. 27). Além disso, a ascensão da pesca aumentou o tempo de estadia a bordo dos baleeiros, que levavam de dois a três anos para baixar âncoras em território nacional. Investir nestas viagens era uma prática corrente ao longo do século XIX, especialmente entre os quakers de Nantucket, que pregavam o pacifismo e, ironicamente, se profissionalizaram no extermínio de baleias. Estamos falando de uma época na qual estes investidores, preocupados com o enriquecimento, poupavam recursos para potencializar os lucros e, simultaneamente, incentivavam a organização de expedições capazes de estabelecer novas relações comerciais. Desde o início do século XIX, homens poderosos residentes nas ilhas e na costa nordeste do país insistiam que o governo deveria investir em campanhas para renovar as cartas náuticas e evitar acidentes envolvendo baixios e outros empecilhos à navegação (JUNQUEIRA, 2015, p. 15).

A *U. S. Exploring Expedition* foi o primeiro grande empreendimento científico norte-americano além-mar, capitaneado pelo cartógrafo Charles Wilkes. De acordo com Mary Anne Junqueira, Wilkes contava com a assistência de seis veleiros e 346 homens, superando, em tamanho e em número de homens, todas as expedições científicas promovidas até então. Os principais interesses

uma mente bem composta é, a meu ver, poder conter-se e residir em si” (SÊNECA, 1985, p. 5).

voltavam-se para o mapeamento do Pacífico e da costa noroeste da América do Norte. Aprovada pelo Congresso em 1836, só no ano de 1838 a esquadra partiu do estaleiro da Marinha em Norfolk. Depois de passar pela costa da América do Sul e atracar no Rio de Janeiro, ela atravessou o Cabo Horn, mapeou parte da Antártida e, em seguida, subiu pela costa Oeste do continente e da América do Norte para, logo mais, alcançar a Austrália e as ilhas do Pacífico. Os tripulantes puderam coletar inúmeros espécimes vegetais, animais e minerais para investigá-los. Além disso, a expedição demonstrou que a Antártida era um continente separado dos demais, o que tornou imprescindível a revisão dos mapas disponíveis. Até então, as viagens científicas haviam sido organizadas por países europeus, especialmente Inglaterra e França, interessados em mapear territórios insulares pelos Mares do Sul (JUNQUEIRA, 2008, pp. 120-138).

No século XIX, quase todos os oceanos haviam sido explorados, mas ainda restava percorrer o hemisfério Sul em busca de novas terras. Cerca de 2,5 mil quilômetros da costa da Antártica foram desbravados, recebendo o nome de “Terra de Wilkes”. Era imprescindível mapear, também, o rio Columbia e as ilhas Fiji. Algumas das centenas de ilhas que compunham este arquipélago forneciam sândalo e logo se tornaram uma grande referência no que diz respeito à obtenção do *bêche-de-mer*, lesma do mar que alcançava preços excelentes na China. Os ilhéus tinham péssima reputação: em Tonga, James Cook ouviu falar sobre homens que se alimentavam de seus inimigos mortos em batalha. Fiji é parte da Melanésia, ou das “ilhas escuras”, termo cunhado pelo oficial francês Dumont d’Urville para descrever a cor da pele dos habitantes. Após quatro anos e depois de perder dois navios e 28 tripulantes, “a expedição percorreu 140 mil quilômetros, coletou dados de 280 ilhas do Pacífico e traçou 180 cartas náuticas – algumas utilizadas até a Segunda Guerra Mundial” (PHILBRICK, 2005, p. 17). Ao final da empreitada, a experiência foi relatada em 23 volumes, cabendo aos cinco primeiros o relato da viagem propriamente dita, e aos restantes a produção de reflexões científicas envolvendo classificação de espécimes recolhidos, Meteorologia, Hidrografia etc.

O “deserto polar”

A Antártida é o continente mais frio e seco do planeta, atingindo uma temperatura média anual de -30°C. Não é despropositada a adoção da alcunha “deserto polar” para caracterizá-lo. É possível notar, na primeira metade do século XIX, um grande interesse e investimento por parte dos Estados Unidos na circum-navegação da região, sobre a qual pairavam várias expectativas e inúmeras mitologias, já que os navios encontravam dificuldade para ultrapassar o *ne plus ultra* que, em 1775, James Cook estabeleceu a 71° 10’S. Embora ele tenha atingido o Círculo Polar Antártico, somente em 1840, por meio da *U. S. Exploring Expedition*, o continente foi alcançado.

A maior parte de seu território é perpetuamente coberta por uma camada de gelo. Com exceção do ponto no qual a península Antártica se aproxima do cabo Horn, no estreito de Drake (uma abertura com mais de mil quilômetros), a Antártica é cercada por um fosso de mais de 3,7 mil quilômetros chamado de oceano Austral. No inverno, um cinturão de 1,1 mil quilômetros de largura de gelo flutuante sela o continente. No verão, quando o gelo começa a recuar, as águas que cercam a Antártica se tornam o equivalente náutico de um campo minado (PHILBRICK, 2005, p. 169). Durante a expedição supracitada, singrando os mares gelados da Antártica, Reynolds descreveu os mares da seguinte maneira: “a água era plácida e imóvel como num lago interno e jazia como um vasto espelho em sua moldura congelada”. Em seguida, ele arremata: “A brancura de tudo isso era ofuscante e intensa” (PHILBRICK, 2005, p. 181).

Acreditou-se, por muito tempo, que no extremo Sul haveria uma grande massa de terra para equilibrar os continentes do Norte. As expedições de James Cook ao longo da década de 1770 foram organizadas com o intuito de encontrar esse hipotético território antártico. Em 1773, ele cruzou, pela primeira vez, o Círculo Polar Antártico, mas foi obrigado a recuar ao deparar-se com

uma vasta barreira de gelo que lhe impediu de seguir seu caminho. Em 1839, James Clarke Ross liderou uma segunda expedição, comandando os navios *Erebus* e *Terror*. Assumindo uma estratégia diversa, ele resolveu rasgar o gelo à deriva ao sul da Nova Zelândia e, com isso, descobriu “um mar vasto e aberto com uma costa ocidental montanhosa a que deu o nome de Terra de Vitória em homenagem à sua jovem rainha” (LARSON, 2017, p. 3). Ao navegar ao longo da costa recém descoberta, por mares que posteriormente receberiam seu nome, Ross encontrou perto da latitude 78° “um penhasco de gelo entre 45 e 60 metros acima do nível do mar, perfeitamente plano e nivelado no topo e sem nenhuma fissura ou proeminência em sua lateral lisa que dava para o mar” (LARSON, 2017, p. 3). Esta barreira de gelo se estendia por centenas de quilômetros, impedindo a navegação mais ao sul. Ele não conseguiu, portanto, colocar os pés no continente antártico.³

Entre as viagens lideradas por Cook e a expedição patrocinada pelos Estados Unidos, algumas obras ficcionais especularam sobre o que haveria nesta *terra incognita*. É o caso, por exemplo, de *Symzonia: A Voyage of Discovery* (1820), assinada com o pseudônimo Adam Seaborn; *The Monikins* (1835), de James Fenimore Cooper; e *The Atlantis* (1838-1839), de Peter Prospero.⁴ Estas utopias não apenas exploraram ficticiamente as regiões da Antártida, como também retrataram a teoria da terra oca, cunhada sob a pena do alemão Athanasius Kircher, autor de *Mundus Subterraneus* (1664). Para este jesuíta, as águas geladas do Ártico entravam por uma abertura ao norte, percorriam o interior da terra para desaguar, aquecidas, na extremidade sul. As correntes se incumbiriam de levar as águas de volta ao norte, o que assegurava a manutenção do ciclo e a regulação da temperatura. Em 1681, James Burnet (c. 1635-1715) também escreveu sobre a terra oca e o gigantesco buraco no Ártico, assim como o americano Cotton Mather (1663-1728) que, em 1721, repetiu as teorias do afamado Edmund Halley (1656-1741) presentes em *The Christian Philosopher* (1692).

Symzonia, como o próprio título sugere, é uma ficção inspirada na teoria da terra oca proposta por John Cleves Symmes (1780-1829). Ela narra a viagem de Seaborn rumo à Antártida, oportunidade na qual ele consegue adentrar o interior da terra por meio da abertura polar do sul. Na ocasião, ele encontrou pessoas pacíficas detentoras de inteligência e moral avantajadas que o acolheram por vários meses, expulsando-o depois de compreender melhor os costumes dos humanos que viviam no “exterior”. Boa parte dos críticos encontraram na obra não tanto uma defesa da teoria de Symmes, mas uma sátira que se aproveita da ideia da terra oca para projetar uma comunidade utópica baseada nos princípios da recém-fundada República Americana e na superioridade dos homens brancos, sinal de uma moral imaculada. O quesito racial, no entanto, comparece para reforçar questões de ordem moral e geográfica, uma vez que os criminosos são degredados para o norte e perdem gradativamente sua tez branca. A cor da pele, portanto, é um indicativo da integridade ou falha moral dos homens e mulheres que habitam o interior da terra (WIJMARK, 2009, pp. 42-79).

Symmes, que muitos pesquisadores supõem ser o verdadeiro autor de *Symzonia*, publicou, a 10 de abril de 1818, um panfleto reforçando a teoria da terra oca e solicitando patrocínio por parte do governo para conseguir provas. A teoria em questão teria inspirado Jeremiah N. Reynolds, jovem editor e jornalista que apoiava expedições navais junto ao Congresso e que, dez anos depois, pronunciou um discurso alegando que a Antártida seria o campo no qual os Estados Unidos fariam fama. Se Symmes insistia em partir rumo ao Ártico para confirmar suas ideias, Reynolds sugeriu uma viagem ao Polo Sul, apelando para os ganhos materiais decorrentes da descoberta de um novo continente e, claro, para a possibilidade de superação do reino britânico (JONES, 2009, pp. 84-116).

³ Em 1901, ocorreu a primeira expedição britânica em terra para o continente antártico. Com a presença de Robert Scott e Shackleton, grupos foram enviados para além da barreira de gelo, alcançando um novo recorde em 1902 ao alcançar a marca de 82° Sul, depois de cobrir quase 800 quilômetros a pé com trenós. Alguns anos mais tarde, Shackleton retornou ao extremo sul liderando o *Nimrod* e, mais uma vez, ultrapassou a barreira, levando os trenós a 190 quilômetros de distância do polo, retornando em seguida devido ao perigo imposto na região.

⁴ Sobre estas três obras, ver os três primeiros capítulos de: WIJMARK, 2009.

A mais famosa narrativa envolvendo a terra oca é, seguramente, a *Viagem ao Centro da Terra* (1864), na qual Jules Verne retrata a trajetória do geólogo Lidenbrock que, por meio de um manuscrito renascentista, ultrapassou uma câmara vulcânica na ilha de Thüle e acessou um sistema de túneis subterrâneos. Com *Le Sphinx des Glaces* (1897), Verne deu continuidade ao romance de Poe. Nele, Dirk Peters e o capitão Len Guy partem na busca de sobreviventes na ilha de Tsalal. No entanto, eles ficam presos na corrente magnética da esfinge de gelo, uma gigantesca montanha de pedras, a *Rupes Nigra* da Antártida. Ao pé da esfinge, ambos encontram o corpo magnetizado de Pym, que passou a integrar permanentemente a paisagem polar.

Antes e após a *U. S. Exploring Expedition* (1838-1842), assuntos envolvendo o continente antártico foram recorrentemente mobilizados pela ficção, ora para projetar uma sociedade com moldes utópicos, ora para representar personagens fabulosas e dramas ctônicos. Seja como for, Edgar Allan Poe optou por interromper repentinamente a narrativa e concluir com um enigma cuja resolução permanece em aberto. No tópico seguinte, buscar-se-á investigar elementos retóricos e estéticos associados a este episódio derradeiro, recorrendo à categoria do sublime como peça auxiliar neste interminável quebra-cabeça literário.

A narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket

Foi em 1838, ano no qual a expedição Wilkes encerrou seus preparativos e recolheu âncoras, que a editora Harper & Brothers publicou *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket*, de Edgar Allan Poe. A narrativa, em linhas gerais, apresenta o testemunho fictício de Arthur Gordon Pym, um jovem de Nantucket que se sentia atraído por aventuras marítimas. Ao longo de suas viagens, o protagonista/narrador passou por situações dramáticas envolvendo fome, sede, cárcere, motim, tempestades, ataques de tubarões, de um grande urso polar e de “selvagens” de uma ilha desconhecida. Além disso, há episódios de antropofagia, naufrágios, escaladas perigosas, soterramento etc. A trama, portanto, mobilizou vários expedientes que, posteriormente, vão comparecer em muitos de seus contos: o medo de ser enterrado vivo, experiências oníricas, descrições de corpos em estado de putrefação, navio fantasma, episódios envolvendo criptografia etc. Temas de relevância histórica também podem ser encontrados no texto, como referências ao comércio de peles de foca e de óleo de baleia e as expectativas em relação à circum-navegação da região antártica. Sobre as tentativas de se alcançar o Polo Sul, Poe mencionou algumas delas, como as viagens protagonizadas pelo capitão britânico James Cook.

No princípio, o leitor depara-se com uma pequena aventura protagonizada por Pym e Augustus Barnard, seu amigo. Embriagados, eles embarcaram imprudentemente no pequeno barco à vela *Ariel*, cuja estrutura não poderia acomodar sequer dez pessoas. Barnard, único capaz de conduzir a embarcação, desmaiou, deixando o amigo à própria sorte. Frente a uma intempérie e prestes a naufragar, ambos foram resgatados pelo baleeiro *Penguin*, comandado pelo capitão Block, da Nova Inglaterra. Mesmo depois desta experiência dramática, pouco tempo se passou até que ambos combinaram uma nova aventura a bordo do baleeiro *Grampus*, capitaneado pelo pai de Augustus.

Depois de preparar tudo para a nova viagem, Augustus conseguiu um espaço no porão para acomodar o amigo. O plano era mantê-lo às escondidas por alguns dias, levando provisões sempre que possível até que estivessem em alto-mar. Abrigado na escuridão de um recinto sobrecarregado e pouco ventilado, Pym entregou-se ao sono e foi vitimado por uma série de pesadelos:

Entre outras desgraças, era sufocado até a morte, sob enormes travesseiros, por demônios do mais sinistro e feroz aspecto. Serpentes imensas prendiam-me em seu abraço e encaravam-me com seus olhos assustadoramente luzidios. Depois, desertos sem fim, e dos mais desesperados e assombrosos, estendiam-se diante de mim. Gigantescos troncos de árvores, cinzentos e desfolhados, erguiam-se em sucessão infinda até onde a vista podia alcançar. Suas raízes perdiam-se em amplos pântanos, cujas águas sombrias, de um negro intenso, jaziam abaixo, terríveis

em sua imobilidade. E as estranhas árvores pareciam dotadas de uma vitalidade humana, agitando de lá para cá seus braços de esqueleto, implorando às águas silenciosas por misericórdia, no acento esganiçado e lancinante da mais aguda agonia e desespero. A cena mudava; eu me achava de pé, nu e sozinho, nas escaldantes planícies de areia do Saara. A meus pés agachava-se um feroz leão dos trópicos. Súbito seus olhos desvairados abriam-se e pousavam em mim. De um salto convulsivo ele ficava de pé e punha à mostra seus dentes horríveis. No instante seguinte irrompia de sua garganta vermelha um rugido como o trovão do firmamento, e eu caía impetuosamente por terra (POE, 2010, pp. 41-42).

As agonias se estenderam pelos dias seguintes:

Minhas sensações eram de extremo horror e consternação. Em vão procurei atinar a causa provável de estar assim sepultado. Não pude conciliar nenhuma cadeia lógica de raciocínio e, deixando-me cair ao chão, abandonei-me, sem resistência, às cogitações mais negras, nas quais me comprimiam, iminentes e atrozes, a morte pela sede, a morte pela fome, a asfixia e o sepultamento em vida (POE, 2010, pp. 46-47).

Depois de um longo período confinado, sem notícias do amigo, ele se viu cada vez mais perturbado: quando dormia, tinha a sensação de que o sono durava dias, e sempre acordava com vertigem e mal-estar. O seu cão Tigre, que também embarcara às escondidas, começou a assumir uma postura agressiva. Quando finalmente Augustus conseguiu descer até o porão para lhe dar assistência, Pym se expressou da seguinte maneira: “Senti, estou certo, mais de dez mil vezes as agonias de minha própria morte” (POE, 2010, p. 58). Na sequência, o narrador explicou a experiência: “Recentemente, tive razão para me certificar, tanto pela minha própria experiência quanto pelo testemunho de outros, dos fortes efeitos soporíferos do odor que emana do óleo de peixe velho quando hermeticamente fechado” (POE, 2010, p. 62). O autor recorreu a uma tópica antiga presente, por exemplo, neste fragmento de um relato de naufrágio:

Não há coisa mais pesada de levar, e horrível para temer, do que a morte, como bem disse o Filósofo Aristóteles, e ainda melhor nos ensina a experiência; porém com boa licença do Filósofo, e da mesma experiência, o medo da morte ainda parece que é pior que a mesma morte, como da guerra diz o provérbio, que é pior o medo da guerra imaginada que experimentada: a razão disto é, porque a morte levada em realidade, nunca é mais que uma só; e morrer uma só vez é dita, como disse Sêneca, mas a morte imaginada na imaginativa por repetição de medos, é morte muitas vezes repetida. Este entre outros males traz consigo o naufrágio, porque quantas ondas conspiram contra a embarcação, tantas mortes bebe o naufragante: e por isto é pior castigo a morte muitas vezes temida, que uma só vez sofrida, como bem disse S. Jerônimo, e em consequência desta verdade, diz o mesmo Santo, que merecendo Caim muitas mortes pela que deu a seu irmão Abel, lhe pôs Deus um final para o não matarem, e diz que isto mais foi lança de justiça, que efeito de misericórdia, porque ainda que o não quis matar, deixou-lhe medo contínuo, para que cuidasse que todos o queriam matar; e lançadas bem as contas, maior castigo era o medo da morte repetida muitas vezes na imaginação, que padecia uma só vez por efeito (RANGEL, s/d).

Para o narrador deste relato do século XVII, a ameaça da morte e o medo de sua consecução causam mais lástima do que a morte em si, que não ocorre mais de uma vez. A mesma tópica pode ser encontrada nos relatos de naufrágio da nau São Tomé – “tudo quanto viam lhes representava a morte” (BRITO, 1998, p. 345) – e da nau *Santiago* – “A grita e a confusão da gente era grandíssima, como de homens que se viam sem nenhuma esperança de remédio, no meio do mar que bramava, com a morte diante dos olhos, na mais triste e horrenda figura que imaginar se pode em nenhum dos naufrágios passados” (BRITO, 1998, p. 302). É muito provável que os narradores tenham encontrado inspiração na *Odisseia* (HOMERO, 2001, p. 108). Independentemente da fonte, Poe recorreu a esse expediente para amplificar as agonias dos navegantes e arrematou com informações

“científicas” envolvendo os efeitos soporíferos do óleo quando armazenado em recipientes hermeticamente fechados.

Depois de ouvir o relato, Augustus justificou sua ausência informando sobre o motim e a consequente carnificina que ocasionou vinte e duas baixas. Ele foi salvo graças à intervenção de Dirk Peters, que o autor descreve de forma muito peculiar:

Esse homem era filho de uma índia da tribo dos upsarokas, que viviam entre as fortalezas naturais das Montanhas Negras, perto da nascente do Missouri. Seu pai, se não me engano, era um mercador de peles, ou pelo menos relacionado de algum modo com entrepostos indígenas no rio Lewis. O próprio Peters era um dos homens de aspecto mais feroz que já vi. Era de estatura baixa, não mais que um metro e meio de altura, mas seus membros eram vazados em molde hercúleo. Suas mãos, sobretudo, eram tão monstruosamente espessas e largas que mal se atinham ao formato humano. Seus braços, e assim as pernas, arqueavam-se da maneira mais singular e não pareciam possuir o mínimo que fosse de flexibilidade. Sua cabeça era igualmente deformada, sendo de tamanho imenso, com uma bossa no cocuruto (como na maioria dos negros), e inteiramente calva” (POE, 2010, pp. 65-66).

No decorrer de toda a narrativa, o protagonista teve condições de experienciar inúmeras tempestades: os ventos sopravam “em brutais saraivadas”, com mar encapelado (POE, 2010, p. 90); produzia-se um “ruído tremendo” com o “rugir do vento no cordame e os golpes de mar a varrer o convés” (POE, 2010, p. 102); as ondas igualmente supliciavam os nautas, “golpeando o brigue a barlavento” e arremessando-o “completamente sobre os bordos” (POE, 2010, p. 109); neste cenário dramático “era absolutamente impossível ficar de pé ante a violência das rajadas” (POE, 2010, p. 110). Nesta ocasião, presenciaram “uma das ondas mais prodigiosas” de que deram notícia, “varrendo para longe a escada de tombadilho, arrombando as escotilhas e enchendo de água cada polegada do navio” (POE, 2010, p. 110). O navio, nesse momento, não passava de “um mero cepo, rolando de lá para cá ao sabor de cada onda; a tempestade só fazia aumentar, se é que fosse possível, um perfeito furacão, e não se apresentava nenhuma perspectiva natural de salvação” (POE, 2010, p. 113). A embarcação, inapropriada para singrar em alto-mar, indicava a iminência do naufrágio, com “o castelo de proa arfando a cada mergulho, e emergindo com a maior das dificuldades de uma onda antes de ser sepultada por outra” (POE, 2010, p. 166). Depois de vencer os amotinados e sobreviver a uma prolongada tempestade, Augustus morreu e um marinheiro chamado Richard Parker foi assassinado e devorado por Pym e Peters. Finalmente, os dois sobreviventes foram salvos pela escuna *Jane Guy*, que pretendia investir na pesca de baleias e estabelecer comércio ao longo dos mares do sul. Depois do resgate, continuaram rumo ao sul, cruzando com inúmeras ilhas e ancorando na última delas, chamada Tsalal.

Quando estabeleceram comércio com os locais, descobriram que todos os habitantes da ilha eram negros, e que não conseguiam encontrar sequer um artefato da cor branca: até mesmo os dentes dos nativos eram pretos. Eles deixavam transparecer ares de hospitalidade, mas tramavam o fim de todos: por meio de uma armadilha, eles soterraram boa parte dos nautas e, em seguida, assassinaram aqueles que permaneceram a bordo do navio, restando apenas Pym e Peters, que àquela altura estavam vasculhando uma caverna. Após alguns contratempos e perseguições, ambos conseguiram tomar para si uma canoa e sequestrar um nativo chamado Nu-Nu. À medida que avançavam rumo ao sul, todo o ambiente vai se tornando branco, para pavor do cativo que seguia viagem com eles. Alcançaram um local ladeado por imensas cortinas de vapor brancas irrompendo do oceano, com aves brancas sobrevoando o local. Em um dado momento, depois da repentina morte de Nu-Nu, ergueu-se desta catarata uma gigantesca figura com forma humana, e o contato com esta personagem enigmática encerra a narrativa. Há, no entanto, uma nota final, alegando que Pym e Peters se salvaram. O primeiro resolveu transmitir sua experiência, incentivado pelo próprio Poe, então editor da revista *Southern Literary Messenger*. A narrativa teria permanecido inacabada em razão da morte repentina de Arthur Gordon Pym.

O Polo Sul em Poe

Seus lábios eram rubros; seu olhar, lascivo;
Sua trança, auri-amarela;
Sua pele, como a lepra, era de um branco forte;
Ela era o próprio Pesadelo Vida-em-Morte,
Que o sangue humano gela.
(S. T. Coleridge)

Uma semana após experienciar seu primeiro naufrágio, Pym alegou que houve tempo o suficiente para apagar de sua memória “as sombras e ressaltar em viva luz todos os pontos de cor deliciosamente instigantes, todo o caráter pitoresco do arriscado acidente” (POE, 2010, p. 31). Sua atração pelo drama foi revelada também em outra circunstância:

Pelo lado radiante da pintura eu tinha pouca simpatia. Minhas visões eram de naufrágios e fome; de morte ou cativo entre hordas bárbaras; de uma existência arrastada entre aflições e lágrimas, sobre algum rochedo cinzento e desolado, num oceano inabordável e desconhecido”, desejos comuns, como o próprio narrador admitiu, à “raça dos melancólicos” (POE, 2010, p. 32).

À afeição por temas dramáticos soma-se a ideia de que estes mesmos temas, quando experienciados, não deixam impressão duradoura:

Tive ocasião de notar desde então [resgate a bordo da Jane Guy, uma escuna de Liverpool liderada pelo capitão Guy] que essa espécie de amnésia parcial é geralmente ocasionada pela transição súbita, seja da alegria à dor, seja da dor à alegria – o grau de esquecimento sendo proporcional à amplitude do contraste. Assim, em meu próprio caso, parecia-me impossível compreender toda a dimensão das agruras pelas quais passara durante os dias transcorridos sobre o casco. Os incidentes são lembrados, mas não as sensações engendradas pelos incidentes à época de sua ocorrência. Tudo o que sei é que, quando elas de fato ocorriam, sempre eu pensava que a natureza humana não poderia suportar agonia maior (POE, 2010, p. 165).

Trata-se, no caso, de uma tópica antiga, que pode ser detectada, por exemplo, em Aristóteles (2011, p. 94), quando, no livro I de sua *Retórica*, retomou a seguinte passagem da *Odisseia*: “O homem, muito depois, experimenta o prazer mesmo ao preço/ De recordar os sofrimentos, se houver muito suportado e mourejado”. Na sequência, ele afirmou que o “prazerosamente memorável não é apenas o que, quando efetivamente presente, era prazeroso, mas também algumas coisas que não eram, desde que seus resultados posteriormente revelaram-se nobres e bons”. É prazeroso, diz ele, “o simples estar livre do mal”.

A ideia em questão poderia ser interpretada como *imitatio* ou apropriação de um lugar-comum, o que seria uma hipótese verossímil. Esta retomada ampara-se em outros pressupostos, que poderiam remeter a uma “estética do sublime”, que no caso caracteriza-se pela negligência frente à prudência antiga, que insistia no imperativo da contenção, do limite, do autocontrole. Aliás, o conceito de sublime poderia ajudar-nos a compreender os últimos episódios da narrativa envolvendo os entornos do Polo Sul. Depois que partiram da ilha de Tsalal, Pym, Peters e um prisioneiro ilhéu seguiram numa canoa rumo ao sul e depararam-se com um cenário insólito:

A substância cinzenta chovia continuamente à nossa volta, e em vastas quantidades. A barreira de vapor ao sul erguera-se prodigiosamente no horizonte, e começou a assumir mais nitidez de formas. Não posso compará-la a outra coisa senão uma catarata sem limites, rolando silenciosamente para o mar do alto de uma imensa e remota muralha. A gigantesca cortina ocupava toda a extensão do horizonte sul. Não emitia nenhum ruído (POE, 2010, p. 260).

De acordo com Burke (1993, p. 48), o sublime remete a algo “capaz de incitar as ideias de dor e de perigo”. O que se apresenta de “maneira terrível”, se relaciona a objetos terríveis ou atua de modo análogo ao terror constituem, no caso, fontes do sublime. Quando o perigo ou a dor se apresentam como “uma ameaça decididamente iminente”, o prazer deixa de existir, concedendo lugar ao terror. O deleite, portanto, corresponderia à “sensação que acompanha a eliminação da dor ou do perigo”. Parece-nos que Poe adota o sublime, supondo que o leitor, afastado dos perigos relatados, pudesse, por meio da simpatia, apreendê-los e deleitar-se com eles. O sublime corresponderia à soma de partes desarmônicas e discordes, a variações bruscas, cores fortes, dimensões físicas desproporcionais. A desproporção das cataratas, a variação entre o preto que caracteriza a ilha de Tsalal e seus habitantes e a brancura plena que foi encontrada nas fimbrias do continente antártico, podem ter sido preparados para surtir na audiência efeitos associados ao espanto, ao terror.

Ao longo do tratado de Burke, vários elementos foram apontados como capazes de suscitar o sublime, como é o caso da obscuridade, pois quando “temos conhecimento de toda a extensão de um perigo, quando conseguimos que nossos olhos a ele se acostumem, boa parte da apreensão desaparece” (BURKE, 1993, p. 66). A noite, para o autor, seria igualmente um cenário apropriado para provocar terror. A escuridão da ilha e a brancura do ambiente polar são elementos obscuros, porque impressionam pela sua dimensão aparentemente infindável e oferecem à vista cenários insólitos. A infinitude, que pode ser constatada nas cataratas sem limites, “tem uma tendência a encher o espírito daquela espécie de horror deleitoso, que é o efeito mais natural e o teste mais infalível do sublime” (BURKE, 1993, p. 78). Convém mencionar, por fim, a magnificência, decorrente da profusão de coisas esplêndidas e, preferencialmente, desordenadas, como o céu estrelado, a luz, como no caso de relâmpagos, e ruídos intensos, como os de “grandes cataratas, tempestades ululando, trovão ou artilharia”.

No desfecho da narrativa, outra figura surge para reforçar as tópicas que referimos até o momento:

E então nos precipitamos nos abraços da catarata, onde um abismo abriu-se para nos receber. Mas eis que em nosso caminho ergueu-se uma figura humana velada, bem maior em suas dimensões que qualquer habitante da terra. E a cor da pele da figura era da perfeita brancura da neve” (POE, 2010, p. 261).

É possível aproximar esta figura misteriosa e o gigante Adamastor camoniano, personificação do cabo das Tormentas. Embora situados em localidades e contextos muito distintos, estas personagens se apresentam como uma fronteira, um *nec plus ultra*. Ultrapassá-las, portanto, traria implicações contrárias à sabedoria antiga, calcada nos ideais da prudência. Isso porque avançar por mares remotos ou afastar-se em demasia da “pátria” eram atitudes temerárias capazes de suscitar a cólera dos deuses. No caso de Camões, estamos falando de avançar rumo às Índias, algo que constituía o horizonte de expectativas da Coroa portuguesa e da Igreja. No caso de Poe, o ímpeto expansionista também se encontra presente, mas para incentivar a corrida imperialista rumo ao desbravamento do Pacífico, forma de competir internacionalmente num momento em que o colonialismo se mostrava forte e no qual os Estados Unidos buscavam superar o reino britânico e seus concorrentes.

A primeira tradução d’*Os lusíadas* para o inglês foi realizada por Richard Fanshawe e publicada em 1655, mas a segunda tradução, feita pelo poeta escocês William Mickle em 1776, fez sucesso em sua época e nos séculos seguintes, contando com nove edições entre 1776 e 1877. Sabe-se, no entanto, que Mickle manipulou política e poeticamente a epopeia, tomando medidas como enfatizar os elementos sublimes, intensificar passagens emotivas, eliminar alusões mitológicas, atenuar digressões, remover passagens eróticas que poderiam ofender a sensibilidade britânica etc. Isso porque o intuito era forjar uma identidade poética e cultural para o Império Britânico, constituindo um “poema do comércio”. Para tanto, o poeta enfatizou, ao longo da tradução, a importância do militarismo e do expansionismo, chegando mesmo a transferir para Vasco da Gama o heroísmo

que Camões atribuiu à gente lusitana, pois Gama seria o protótipo do desbravador inglês entretido com acordos comerciais (MARTINS, 2015, pp. 29-51).

Não há como comprovar que Poe tenha lido a tradução em questão. Pode ser que conhecesse, por outros meios, a figura do gigante Adamastor, já que traduções do poema circularam com tamanha intensidade. Mas também é possível que o autor ignorasse por completo esta personagem, o que não impede que haja aproximações entre a figura gigantesca que surgiu em meio às imensas cataratas polares e o titã que compareceu no canto V da epopeia lusíada para proferir suas profecias. Ambas remetem ao *nec plus ultra* (não mais além) e, portanto, guardam o desconhecido, a novidade. Para além da fronteira que representam, projetam-se as expectativas dos leitores, inicialmente para legitimar a empresa ultramarina portuguesa, em seguida para incentivar a corrida imperialista norte-americana rumo ao “deserto polar”. Se Camões empregou Adamastor, personificação do cabo das Tormentas, com o intuito de assinalar a superação da antiga virtude da prudência, a alva e avantajada personagem inventada por Poe foi superada por um empreendimento científico que buscava mapear um território que os homens do século XVI sequer poderiam imaginar. Em 1572, momento em que se deu a publicação da epopeia lusíada, as viagens de Gama já eram amplamente conhecidas; já em 1838, ano em que a expedição Wilkes partiu e no qual o romance de Poe foi publicado, o extremo sul não passava de uma ficção por meio da qual se projetava as expectativas de um futuro que estava para ser tornado presente. Ainda que tudo isso, para nós, seja objeto de um passado mais ou menos distante, a aridez polar e a mitologia da terra oca continuam a entreter, especialmente porque a Antártida permanece um continente misterioso.

Considerações finais

Não é possível dizer, com certeza, se Edgar Allan Poe imitou Homero, Camões ou os relatos de naufrágio mencionados ao longo deste artigo, mas nossa intenção, desde o princípio, não foi mapear suas fontes, mas analisar lugares-comuns que ele mobilizou (consciente ou inconscientemente) para elaborar seu romance. Ainda assim, sua motivação seguramente não era a de ser fiel à mímese aristotélica ou aos preceitos da retórica, pois sua preocupação voltava-se para os efeitos estéticos do romance e, portanto, para o potencial sublime e grotesco das passagens e personagens empregadas. A Antártida (que, à época, não era concebida como um continente à parte), objeto de especulação científica e literária, moveu expedições náuticas e fomentou o consumo de livros e jornais, com destaque para os romances folhetins. No universo ficcional do século XIX, o *nec plus ultra* encontrava-se à serviço da imaginação, pois elementos curiosos e insólitos seriam bem recebidos pelo público leitor. Logo, se Camões figurou, por meio do gigante Adamastor, a superação das forças centrípetas, Poe, habituado à atividade dos baleeiros e à longa estadia dos homens no mar, retratou tragédias de toda sorte e propôs uma interrogação no auge da narrativa, quando os nautas finalmente alcançariam o extremo sul do planeta. Muito censurado por suas escolhas, o autor, no entanto, permitiu que a expedição Wilkes (que ele incentivou e apoiou) encerrasse o romance, não sem antes oferecer ao seu público a oportunidade de criar seu próprio desfecho por intermédio da imaginação. O leitor, assim, tornar-se-ia um coautor, antes mesmo que Charles Wilkes pudesse encontrar não propriamente um colosso polar, mas imensos blocos de gelo tão alvos quanto a face de Vasco da Gama, quando avistou o portentoso cabo das Tormentas.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Ricardo. *Edgar Allan Poe – Um homem em sua sombra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- BAUDELAIRE, Charles. Edgar Poe, sua vida e suas obras [1856]. In: POE, Edgar Allan. A narra-

- tiva de A. Gordon Pym. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- BAUDELAIRE, Charles. O homem e a obra (1852). In: POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe: medo clássico: coletânea inédita de contos do autor*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.
- BONAPARTE, Marie. *The Life and Work of Edgar Allan Poe*. A Psycho-Analytic Interpretation. London: Imago Publishing Company, 1949.
- BRITO, Bernardo Gomes de. *História trágico-marítima*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores/Contraponto Editora, 1998.
- CARRINGER, Robert L. Circumscription of Space and the Form of Poe's Arthur Gordon Pym. In: *PMLA*, v. 89, n. 3, 1974, pp. 506-516.
- CECIL, L. M. The Two Narratives of Arthur Gordon Pym. In: *Texas Studies in Literature and Language*, v. 5, n. 2, 1963, pp. 232-241.
- CÍCERO. As Familiares, 5, 12, *apud* HARTOG, F. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- GONÇALVES, F. B. *Tradução, interpretação e recepção literária: manifestações de Edgar Allan Poe no Brasil*. Dissertação de Mestrado (Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- GREVEN, David. "The Whole Numerous Race of the Melancholy among Men": Mourning, hypocrisy, and same-sex desire in Poe's *Narrative of Arthur Gordon Pym*. In: *Poe Studies*, 41 (1), 2008, pp. 31-63.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- JONES, Darryl. Ultima Thule: Arthur Gordon Pym, the Polar Imaginary, and the Hollow Earth. In: *The Edgar Allan Poe Review*, v. 11, n. 1, 2010, pp. 51-69; WIJCKMARK, Johan. Poe's Pym and the Discourse of Antarctic Exploration. In: *The Edgar Allan Poe Review*, v. 10, n. 3, 2009, pp. 84-116.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. Charles Wilkes, a U. S. Exploring Expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo (1838-1842). In: *Tempo*, v. 13, n. 25, 2008, pp. 120-138.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao Mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2015.
- KENNEDY, Gerald. The preface as a key to the satire in "Pym". In: *Studies in the Novel*, n. 5, n. 2, 1973, pp. 191-196.
- LARSON, Edward J. *Um império de gelo: Scott, Shackleton e a idade heroica da ciência na Antártica*. Tradução de Camila Werner. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- MARQUES, L. Vasari e a Superação da Antiguidade: Do *Nec Plus Ultra* ao *Plus Ultra*. In: RAGAZZI, A. et. al. (orgs.). *Interdisciplinaridade sobre o Renascimento Italiano*, São Paulo: Editora Unifesp, 2017.
- MARTINS, Cláudia Santana. *Os lusíadas* na tradução de William Julius Mickle: a reencenação de uma *translatio studii et imperii*. In: *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n. (54.1), 2015, pp. 29-51.
- MONTWIELER, K.; BOREN, M. E. Hybridity, Anxiety, and Wombs of Destruction in Edgar Allan Poe's *Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket*. In: *PsyArt*, 19, 2015, pp. 31-51.
- MORAES, João Lucas Magalhães. *Edgar Allan Poe: presença e recepção no Brasil (1865-1916)*. Monografia. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2016.
- NESTROVSKY, Arthur R. *Debussy e Poe*. São Paulo: L&PM Editores S.A. 1986.
- PHILBRICK, N. *Mar de glória: viagem americana de descobrimento: Expedição Exploratória dos Estados Unidos, 1838-1842*. Tradução de Renato Rezende. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- PHILBRICK, Nathaniel. *No coração do mar: a história real que inspirou o Moby Dick de Melville*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- POE, Edgar Allan. *A narrativa de A. Gordon Pym*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- POE, Edgar Allan. *Essays and reviews*. New York: Literary Classics of the United States, Inc.: 1984.
- QUINN, Patrick F. Poe's Imaginary Voyage. In: *The Hudson Review*, v. 4, n. 4, 1952, pp. 562-585.

RANGEL, Manoel. *Relação do lastimoso naufrágio da nau Conceição chamada Algaravia a nova de que era capitão Francisco Nobre a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos em 22 de agosto de 1555*. Lisboa: Oficina de Antônio Alvarez, s/d.

RIDGELY, J. V.; HAVERSTICK, Iola S. Chartless Voyage: The Many Narratives of Arthur Gordon Pym. *Texas Studies in Literature and Language*, v. 8, n. 1, 1966, pp. 63-80.

WEAVER, Jace. Mr. Poe's Indians: *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* and Edgar Allan Poe as a Southern Writer. In: *Native South*, v. 5, 2012, pp. 38-60.

WIJKMARK, Johan. "One of the Most Intensely Exciting Secrets" – The Antarctic in American Literature, 1820-1849. Dissertation. Karlstad University Studies, 2009.